



Lei de Amor: A Lei Fundamental do Universo na Constituição dos Mundos e dos Seres

Rosália Guimarães Sarmiento¹

Introdução

“Quando Jesus pronunciou a divina palavra – Amor, os povos estremeceram e os mártires, ébrios de esperanças, desceram ao circo” (KARDEC, 2010: Capítulo XI, item 8).

Desde quando Jesus veio ao mundo, há mais dois mil anos, anunciando aos homens um reino que não se conquistava pela força e violência, um reino de paz e de alegria, um reino que, ao contrário do que esperavam e desejavam os judeus, não era apenas mais um reino material, com características políticas, ou seja, um reino deste mundo, os homens de todos os tempos e dos quatro cantos da Terra buscam a compreensão e vivência do amor como forma de franquearem a sua entrada no Reino dos Céus.

Essa busca tem a sua razão de ser, porquanto o próprio Cristo disse, aliás, mandou: *“amai-vos uns aos outros”* (João 15:17)², fazendo do amor uma condição inafastável de elevação espiritual imprescindível ao atingimento do patamar da angelitude que, por sua vez, viabiliza o ingresso no Reino de Deus. Contudo, muitas vezes, a exata dimensão desta divina palavra não é alcançada e a sua compreensão acaba por ser limitada a um entendimento muito fragmentado, como se o amor existisse apenas nas relações com o próximo, nas chamadas relações interpessoais fraternais, olvidando-se a sua expressão maior, o seu aspecto macroscópico, vez que, nas sábias palavras de Emmanuel: *“A lei divina é uma só, isto é, a do amor que abrange todas as coisas e todas as criaturas do Universo ilimitado”* (XAVIER, 2011: Questão 333).

O presente trabalho, portanto, tem por escopo possibilitar uma visão abrangente das leis divinas, inserindo e abordando, num contexto macrocósmico, a Lei de Amor, estudando-a sob o prisma Universal. Para tanto, serão analisadas, ainda que superficialmente, as conclusões científicas que tratam do desenvolvimento dos mundos e dos seres, passando por temas filosóficos que tentam explicar quem somos, de onde viemos e por que estamos aqui, tais como a Teoria do Big Bang e a Teoria da Seleção Natural, do naturalista britânico, Charles Darwin. Na sequência, serão comparadas as conclusões científicas com o conjunto de conhecimentos obtidos a partir da leitura criteriosa das obras básicas do Espiritismo, enquanto Terceira Revelação, para, ao final possibilitar uma avaliação acerca da existência ou não de incompatibilidade absoluta entre evolucionismo e criacionismo, livre arbítrio e determinismo e, mais importante, acerca do papel da Lei de Amor na estruturação do Universo.

¹ Aluna do Grupo de Estudos Aprofundados da Doutrina Espírita (EADE) da Fundação Allan Kardec (FAK) e trabalhadora da Diretoria de Acolhimento (DA) da FAK.

² Texto extraído do Evangelho de João. Para fins deste trabalho utilizou-se a Bíblia de Jerusalém em todas as referências bíblicas.

Desenvolvimento

As Leis Perfeitas e Imutáveis do Universo

A palavra LEI procede do Latim “LEX” e significa regra, norma. É evidente que toda norma provém de uma fonte, ou seja, remonta a uma causa primária. Assim, quando se fala de lei, automaticamente pensa-se num conjunto de normas concebidas por um poder soberano que disciplina as relações entre os elementos que intervêm em determinado fenômeno.

As leis divinas (também designadas naturais), ao contrário das leis humanas, são imutáveis e abrangem as leis físicas e as leis morais. As leis físicas são as leis que regem os fenômenos do mundo material que, por definição, têm certas características de generalidade e abrangência, representando um enunciado de uma verdade científica. As leis físicas são objeto de estudo de várias ciências existentes, tais como a Física, a Química, a Matemática etc. e, como expressões de verdades científicas, são regulares, abrangentes e imutáveis.

Já as leis morais, como o próprio nome sugere, regem a dimensão moral do Ser e referem-se ao Homem (gênero), considerado em si mesmo e em sua relação para com Deus e para com o outro, seu semelhante – o “*próximo*” a que se refere a Parábola do Bom Samaritano do Evangelho de Lucas³. As leis morais, como espécie do gênero leis divinas, também são imutáveis, de maneira que o Decálogo, ou seja, as leis recebidas por Moisés no Monte Sinai, ao contrário das que foram instituídas pessoalmente pelo grande legislador Hebreu, são transcendentais porque representam o enunciado de dez verdades⁴ morais libertadoras, que dizem respeito a todos os povos, em todos os tempos e em todos os lugares.

Destarte, o Universo, enquanto Obra perfeita e maravilhosa de Deus, único Ser Incrindo e causa primária de tudo o que existe, rege-se, em sua integralidade e em todos os seus aspectos (material ou espiritual), por leis divinas, também chamadas de leis naturais, que são imutáveis (KARDEC, 2011: Questão 615 do LE), justamente porque perfeitas desde a sua origem. Porquanto, sendo o Criador a inteligência suprema que a tudo deu causa, não lhe faltaria presciência e onipotência para estabelecer leis tais que não necessitariam de reformas posteriores. Ademais, se as leis que regem o Universo estivessem sujeitas a constantes mudanças, certamente o Universo não teria nenhuma estabilidade (KARDEC, 2011: Questão 13 do LE).

A criação do Universo segundo a Ciência

Para os Cosmólogos, a explicação mais racional e amplamente aceita no mundo científico para a criação e desenvolvimento do Universo é a de uma grande explosão, a qual se deu o nome de Big Bang⁵, que teria ocorrido há cerca de 14 bilhões de anos, gerando uma poeira cósmica que, desde então, encontra-se em contínua expansão, até os dias de hoje.

Essa poeira cósmica em expansão era formada, inicialmente, de apenas dois elementos, a saber: o Hidrogênio (H) e o Hélio (He), de maneira que, ao menos nos primeiros instantes após o Big Bang, o Universo era algo simples e entediante.

A força fundamental responsável por transformar o Universo num ambiente rico e complexo, fazendo com que os dois únicos elementos, até então existentes, dessem origem aos outros noventa e dois elementos químicos conhecidos na tabela periódica foi a gravidade, que se tornou conhecida e estudada, cientificamente, após ser explicitada pelo físico e matemático inglês, Isaac Newton, ao propor a Lei da Gravitação Universal.

³ Evangelho de Lucas, 10:30-37.

⁴ Decálogo significa Dez Palavras, são os dez ditos, as dez leis, que, segundo o texto bíblico, teriam sido originalmente escrito por Deus em tábuas de pedra e entregues a Moisés no alto do Monte Sinai (Êxodo 20:2-17 e Deuteronômio 5:6-21).

⁵ A Teoria do “Big Bang” é a teoria cosmológica dominante do desenvolvimento inicial do Universo e refere-se à ideia de que o Universo estava originalmente muito quente e denso em algum tempo finito no passado e, desde então tem se resfriado pela expansão ao estado diluído atual e continua em expansão atualmente. De acordo com as melhores medições disponíveis em 2010, as condições iniciais ocorreram por volta de 13,3 a 13,9 bilhões de anos atrás.

Sem a gravidade, o Universo, tal qual nós o conhecemos, simplesmente não poderia existir, pois não haveria uma força de agregação capaz de unir as partículas existentes na poeira cósmica gerada pelo Big Bang, de modo que a expansão verificada após a explosão afastaria, cada vez mais, o Hidrogênio e o Hélio, inviabilizando até mesmo a formação dos demais elementos químicos que hodiernamente são conhecidos e que são abundantes não só no planeta Terra, mas nos diversos orbes, estrelas e galáxias que compõe o Universo. Por sua importância na estruturação do Universo, a força gravitacional é uma das quatro forças fundamentais da Natureza⁶.

Steven Weinberg, físico de partículas, assim explica a transformação ocorrida no início do Universo:

No início, quando o Universo começou a produzir estrelas, começando com Hidrogênio e Hélio, à medida que as estrelas se contraíam, a temperatura no núcleo aumentava, cada vez mais, possibilitando, assim, que os núcleos do Hidrogênio colidissem produzindo Hélio. Depois se contraíram mais e esquentaram mais, então o Hélio começou a reagir e a produzir outros elementos que são abundantes: Carbono (C), Nitrogênio (N) e Oxigênio (O).

Durante anos os alquimistas, sonhando em enriquecer, tentaram fazer um elemento a partir de outro. Tentaram fazer coisas caras, como o ouro, a partir de coisas baratas, como o chumbo. Contudo, sabe-se hoje que eles não estavam errados. É necessário apenas que exista mais energia do que os lendários alquimistas dispunham em seus laboratórios simples e improvisados. Essa quantidade imensa de energia, todavia, é facilmente encontrada nas estrelas.

As estrelas produzem os elementos em uma reação de fusão nuclear. Foi assim que o calor (energia térmica) gerado no núcleo das primeiras estrelas, formadas pela força gravitacional, começou a transformar o Hidrogênio e o Hélio nos outros elementos químicos, dando origem aos 92 elementos que compõem a tabela periódica⁷.

Conclui-se, assim, que a vida e a morte das estrelas criou os elementos conhecidos e encontrados na Natureza que são os componentes básicos do Universo, de maneira que tudo o que existe, inclusive nós, sob o prisma da Ciência, são apenas as cinzas das estrelas mortas. Para os cientistas menos românticos, como Willian Fowler⁸, somos o lixo nuclear do combustível que fez as estrelas brilharem (poeira estelar).

A Seleção Natural de Darwin

Charles Darwin⁹, naturalista britânico, foi, sem dúvida, um grande ícone da comunidade científica e ficou mundialmente famoso depois de propor que a evolução dos seres se dá pela seleção natural e sexual, contrariando o entendimento religioso, amplamente dominante em sua época, de que o homem teria sido criado por Deus, do pó da Terra, à sua imagem e semelhança, sem qualquer relação de dependência ou miscigenação com os chamados animais irracionais.

Durante quase três décadas, talvez por sua íntima convicção religiosa, talvez por um natural receio de retaliações por parte da Igreja, Darwin manteve em segredo a sua Teoria de Seleção Natural que somente foi publicada em 1859¹⁰, em seu livro denominado “A origem das espécies”, muitos anos depois da viagem do Beagle, que lhe facultou o desenvolvimento de sua teoria e que mudou para sempre a sua vida.

Em sua Teoria da Seleção Natural, Darwin, certamente abalando as estruturas do pensamento religioso do seu tempo e inaugurando uma nova era de conhecimentos científicos a respeito da origem da vida, introduz a ideia de evolução dos seres, inclusive do homem, a partir de um ancestral comum, um ser ainda irracional, por meio de uma seleção natural que explicaria a diversidade de espécies existentes e o tornaria famoso em todo o mundo.

⁶ As outras três forças fundamentais da natureza são: força forte, eletromagnetismo e força fraca.

⁷ A Tabela periódica foi criada pelo químico russo Dmitri Mendeleev, em seu livro de 1869, intitulado “Princípios da Química”.

⁸ Ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1938.

⁹ Charles Robert Darwin, após publicar a sua Teoria da Seleção Natural, ingressou na Royal Society.

¹⁰ Note-se que a data da publicação da Teoria da Seleção Natural de Darwin, certamente não por acaso, quase coincide com a publicação do primeiro livro da Codificação do Espiritismo – O Livro dos Espíritos – publicado em 18 de abril de 1857.

Chaves cognitivas fornecidas pelo Espiritismo

A Doutrina Espírita, como o Consolador prometido por Jesus (KARDEC, 2010: Capítulo VI, itens 3 e 4), cumprindo o seu papel de vir esclarecer os homens, abrindo-lhes os olhos e os ouvidos, fornece à humanidade as chaves cognitivas que lhe faltava, antes do advento da Terceira Revelação¹¹, possibilitando um entendimento mais amplo acerca das verdades científicas já enunciadas, na medida em que, a par das leis meramente físicas, que dizem respeito à matéria mais densa, agrega conhecimentos sobre o mundo dos espíritos, a parte inteligente do Universo, e lança luz sobre as interações existentes entre a matéria e o espírito, explicitando as leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo material. Esclarece, ainda, as grandes questões filosóficas que estiveram presentes na mente dos homens de todos os tempos e localidades do mundo, tais como: de onde viemos, para onde vamos e por que estamos aqui.

Desta forma, ao realizar-se uma releitura das verdades científicas já alcançadas pela humanidade, sob o prisma da Doutrina Espírita, compreende-se a insustentabilidade de uma teoria do acaso¹² como forma de justificar tanto a formação e desenvolvimento dos incontáveis planetas e estrelas que constituem o Universo, quanto dos seres que os habitam, em suas infinitas gradações evolutivas.

A compreensão obtida à luz da Doutrina Espírita acerca da formação e do desenvolvimento dos mundos e dos seres é, evidentemente, contrária (mas não completamente excludente) ao que sustentam alguns cientistas, quase que religiosamente, porque pautados em espécie de dogma que não admite outra solução que não as que possam ser por eles medidas, analisadas, repetidas em laboratórios e explicadas.

Esta divergência se torna bastante clara quando diz respeito ao entendimento científico de que a harmonia existente no Universo decorre de mero casuísmo, de um jogo de probabilidades que poderiam ou não ter ocorrido, viabilizando ou não a vida na Terra. Obtempere-se que tal divergência limita-se à análise do caso específico do Planeta Terra, pois, ao menos por ora, afigura-se absolutamente inviável uma análise comparativa relacionada à questão da vida em outros orbes, posto que a tanto ainda não chegou a Ciência terrena¹³.

Obviamente, o conhecimento espírita, enquanto Revelação Divina¹⁴, não exclui (e nem poderia fazê-lo) as verdades científicas que a humanidade levou séculos e milênios para consolidar, porquanto, uma das principais características da verdade (e a revelação é sempre uma verdade, sem o que deixa de ser revelação) é justamente a sua conformidade com a realidade. Assim, se a Ciência, em processo contínuo, logrou êxito em desvendar e explicar, por teorias relevantíssimas, algumas das leis físicas (que também são leis divinas ou naturais) que regem o Universo, não poderia o Espiritismo, no seu tríplice aspecto¹⁵, invalidar as conquistas da Ciência, porque uma verdade não exclui outra, sem o que, ou uma é falsa ou ambas o são.

A Doutrina Espírita, portanto, não veio declarar guerra à Ciência, mas, ao contrário, estender-lhe colaboração agregadora de elementos cognitivos que representam chaves para uma interpretação mais ampla e, por isso mesmo, mais real dos objetos de estudo das disciplinas que até hoje focaram em apenas um lado da realidade multifacetária que compõe o tão maravilhoso, complexo e quase inteiramente desconhecido Universo¹⁶.

Para ilustrar o quanto afirmado acima, convém seja transcrito um trecho de um livro de Emmanuel, observando, no entanto, que uma compreensão mais ampla deve ser corolário de um estudo aprofundado e metódico da Doutrina Espírita, especialmente das Obras Básicas, seguindo os fundamentos doutrinários

¹¹ A Primeira Revelação foi Moisés (Lei de Justiça), a Segunda foi Jesus (Lei de Amor) e a Terceira foi o Espiritismo (Lei de Verdade).

¹² Acaso (do latim a casu, sem causa) é algo que surge ou acontece a esmo, sem motivo ou explicação aparente. Recomenda-se, para melhor compreensão, a pesquisa da definição deste vocábulo no sítio eletrônico wikipedia, onde constam os três sentidos diferentes desta palavra.

¹³ A Doutrina Espírita, no entanto, é categórica ao afirmar a existência de vida fora da Terra. Vide as questões 36, 55 e 87 de O Livro dos Espíritos.

¹⁴ Recomenda-se a leitura do capítulo I do Livro A Gênese (KARDEC: 2013): Caráter da Revelação Espírita.

¹⁵ O Espiritismo é: Ciência, Filosofia e Religião.

¹⁶ Na busca por mais respostas, os cientistas acabaram descobrindo, surpresos, que o Universo não é composto apenas de átomos, ele também é formado por matéria escura (30%) e energia escura (65%) e, sobre tais componentes, pouco se sabe até o momento.

propostos por Allan Kardec, o grande Codificador do Espiritismo. Vejamos, neste sentido, a questão 21 do Livro “O Consolador”, em que Emmanuel esclarece, *in verbis*:

“21 –Pode a Física oferecer-nos elementos para apreciar o plano divino da evolução?

-Também aí podereis observar a profunda beleza das leis universais. Ao sopro inteligente da vontade divina, condensa-se a matéria cósmica no organismo do Universo. Surgem as grandes massas das nebulosas e, em seguida, a família dos mundos, regendo-se em seus movimentos pelas leis do equilíbrio, dentro da atração, no corpo infinito do cosmo.

O ciclo da evolução apresenta aí um dos seus aspectos mais belos. Sob a diretriz divina, a matéria produz a força, a força gera o movimento, o movimento faz surgir o equilíbrio da atração e a atração se transforma em amor, identificando-se todos os planos da vida na mesma lei de unidade estabelecida no Universo pela sabedoria divina.

Compreende-se, assim, com a ajuda do Consolador Prometido¹⁷, essa grande luz que Jesus nos enviou para esclarecer o que não havia sido dito, porque ainda não era o momento adequado, que a beleza, a harmonia e o encadeamento perfeito dos diversos elementos que compõem o Universo estão presentes em todos os recantos visíveis e invisíveis, e que tudo converge para uma união perfeita em Deus, através de mecanismos infalíveis de leis imutáveis que estimulam um movimento atrativo que se traduz em puro amor, num aspecto macroscópico que a humanidade ainda encontra-se longe de conhecer satisfatoriamente.

A Lei de Amor na Criação e Evolução dos Orbes e da Vida

No livro *Evolução em Dois Mundos* (XAVIER: 2010), o Espírito André Luiz afirma que o hausto do Criador, também conhecido por fluido cósmico ou plasma divino, é o elemento primordial no qual vivem incontáveis constelações e sistemas solares, mundos e seres dos mais diversos, em habitações cósmicas radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas e toda a incomensurável criação divina, sendo certo que tudo o que Deus criou submete-se às suas leis perfeitas e imutáveis.

Infere-se, portanto, que a formação de todas essas moradas cósmicas, das mais variadas expressões, obedeceram, cada uma delas, ao influxo amoroso de Deus, o único Criador de Toda a Eternidade. Contudo, em co-criação, em plano maior com Deus e sempre de conformidade com Seus soberanos e amorosos desígnios, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, como Jesus Cristo – Governador do Planeta Terra, em processo de comunhão indescritível ao atual e precário estágio evolutivo da humanidade.

É justamente nestas manifestações de Deus, a criar mundos e sistemas, a definir comandos planetários, a estabelecer leis naturais, criando as condições necessárias ao desenvolvimento da vida em todos os menores detalhes, que se torna possível a leitura da Lei de Amor, estruturada por Deus para dar sustentação a tudo o que existe no Universo. Nada existe por acaso e certamente não são a sorte ou o azar as grandes balizas do Universo. O cuidado e o zelo paternal, presentes em tudo o que Deus fez e faz, autoriza à conclusão lógica da plena vigência e eficácia de leis inteligentes e amorosas a guiar a criação e evolução dos orbes e dos seres.

O Espiritismo, no tempo certo, vem informar aos Homens que existe um planejamento meticuloso, a detalhar a Lei Estruturante do Universo (A Lei de Amor), no que tange à criação e evolução dos seres que habitam as “*muitas moradas da Casa do Pai*”¹⁸ a que se referiu Jesus¹⁹, sendo certo, como, aliás, já afirmado por Darwin, que a evolução da vida no Planeta Terra também obedeceu a um encadeamento lento e gradual, de forma que existe um longo hiato entre o princípio inteligente²⁰ e os espíritos simples e ignorantes, bem como há entre estes últimos e os espíritos perfeitos uma longa jornada evolutiva.

¹⁷ Expressão que se refere à Doutrina Espírita. Referência Bíblica: João 14:16. Vide, ainda: Item 4 do Capítulo 6 do Evangelho Segundo o Espiritismo.

¹⁸ Evangelho de João, 14:2.

¹⁹ O Evangelho Segundo o Espiritismo, no capítulo III, item 2 faz uma clara alusão à pluralidade de mundos habitados por diversas categorias de Espíritos que encontram-se espalhados pelo Universo.

²⁰ O Livro dos Espíritos, em suas questões 23, 71, 79, 605, 606 e 607 (entre outras) fornece maiores esclarecimentos sobre a criação e evolução dos seres, a partir da compreensão dos dois elementos que compõem o Universo: o princípio material e o princípio inteligente.

A Lei de Amor, portanto, por ser a base de todas as demais leis divinas, preside à formação de tudo e de todos, como uma espécie de fundamento do Universo, a tal ponto que, ainda que, por uma insanidade qualquer, se desejasse uma existência dissociada do Amor, em suas infinitas variações, tal não seria possível, porque a mesma atração que existiu no princípio, como força que modificou o cenário dos primórdios, logo após o Big Bang, alterando a realidade, fazendo com que o Universo, infinitesimalmente minúsculo, completamente simples, se tornasse abundantemente rico e complexo, incidiria, inexoravelmente, aperfeiçoando e conduzindo os seres à única fatalidade existente que é o alcançar da perfeição relativa e a consequente comunhão com Deus²¹.

Para tanto instituiu Deus os mecanismos das leis naturais que regem o Universo e, incessantemente, atuam para a consecução dessa unidade que é o próprio objetivo para o qual tende a Natureza. Destarte, pode-se afirmar que não há nada no Universo que não evidencie a Lei de Amor. O Amor de Deus está absolutamente em tudo. Em tudo vê-se a Sua Perfeição, a Sua Bondade, enfim, o Seu Amor imensurável a interligar e tornar coeso o que existe.

O Amor do Verbo do Princípio

A Lei de Amor, justamente porque permeia todo o Universo, esteve em plena execução na gênese do Planeta Terra e tal fato foi relatado pelo Espírito Emmanuel, em seu livro “A Caminho da Luz” (XAVIER: 2007), em que o referido autor espiritual afirma que antes da criação da Terra, houve uma reunião da Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo para deliberarem sobre a gênese do orbe azulado.

Nesta mesma obra espírita consta uma descrição do esforço empreendido por essas autoridades angélicas para manterem o equilíbrio da nebulosa terrestre *“conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de milênios”*²², e, ainda, do cuidado na formação do satélite lunar, a viabilizar o equilíbrio terrestre nos movimentos de translação, cujo magnetismo atuaria, ainda, na reprodução de todas as espécies terráqueas.

Segue o supracitado mentor espiritual relatando os trabalhos necessários à cuidadosa solidificação da matéria, a fim de formar a crosta planetária que mais tarde abrigaria a vida no planeta incipiente e, ainda, as criteriosas atividades relativas à criação e ao desenvolvimento da vida no Planeta Terra, descrevendo, com riqueza de detalhes, os exaustivos trabalhos executados pelos *“artistas da espiritualidade que edificavam o mundo das células, iniciando, nos dias primevos, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros.”*²³.

Constata-se assim, indubitavelmente, que as mãos carinhosas do Mestre Jesus, o Divino Escultor, estiveram presentes, a operar cada detalhe da estrutura geológica do orbe terreno, *“organizando o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir”*²⁴. Lógica, portanto, a conclusão a que chegou Emmanuel, de que *“o Seu AMOR²⁵ foi o Verbo da criação do princípio”* (destaquei), mencionado pelo Evangelista João, logo no início do seu Evangelho²⁶.

O amor de Jesus pela Humanidade Terrena restou comprovado, irrefutável, quando, mesmo já tendo percorrido todos os graus da escala evolutiva, sem qualquer queda a macular-lhe a trajetória de luz, desceu ao nível vibratório-espiritual deste orbe imensamente inferior e aqui permaneceu, unicamente por AMOR, por um período que, para um Espírito da sua envergadura, só pode ser considerado como uma sublime demonstração de amor incondicional que a humanidade está longe de compreender e muito menos de vivenciar. Eis aí a verdadeira “Paixão do Cristo”.

²¹ Vide, por oportuno, a resposta dos Espíritos às Questões 607a, 692, 787a de O Livro dos Espíritos.

²² op.cit.

²³ op.cit.

²⁴ op.cit.

²⁵ Se referindo ao amor de Jesus Cristo que esteve presente em toda a gênese e evolução do Planeta Terra e dos seres que o habitam.

²⁶ João 1:1-5.

Gradações Inteligentes na Evolução dos Seres e do Próprio Amor

Emmanuel segue esclarecendo que: *“Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços de elaboração paciente das formas”*²⁷ e que:

não houve propriamente uma ‘descida da árvore’ no início da evolução humana. As forças espirituais que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram uma linhagem definitiva para todas as espécies e o homem não escaparia a essa regra geral.²⁸

Assim, conclui Emmanuel, *in verbis*:

Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a fronte dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos (antropoides), até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual pré-existente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações. (XAVIER: 2007).

Os Espíritos Superiores, aliás, são enfáticos no que diz respeito a esta elaboração paciente e conectada das formas dos seres quando respondem à questão 589 de O Livro dos Espíritos:

Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. As plantas não pensam; por conseguinte carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.

E, preocupados em que não se tenham feito compreender, repetem tal afirmação na resposta dada à questão 604:

Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contacto que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas idéias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei não ser possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.

Destarte, é fácil constatar que o “acaso” a que se referem os cientistas, embasados na Teoria da Seleção Natural de Charles Darwin, parte de uma premissa equivocada, porquanto a evolução não é tão casual quanto se pensou e se alardeou, nem tampouco é fruto de eventos aleatórios, desconexos, fundados unicamente na “sorte” ou no “azar”, mas, ao contrário, evidencia, a cada instante e por todos os lados, a existência de um prévio estudo e um elaborado projeto, cuja execução se verifica por etapas muito bem encadeadas.

E a Lei de Amor, neste contexto, pode ser facilmente constatada, em todos os reinos da Natureza. No entanto, é justo concluir-se também que existe uma gradação do amor, tal como existe uma gradação na escala evolutiva. Assim:

desde as manifestações mais humildes dos reinos inferiores da Natureza, observamos a exteriorização do amor em sua feição divina. Reconhecida a sua luz divina em todos os ambientes, observamos a união dos seres como um ponto sagrado, de referência dessa lei única que rege o Universo. (XAVIER, 2011: Questão 322).

É por este motivo que São Vicente de Paulo, em resposta à questão 888a de O Livro dos Espíritos, aconselha:

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não esqueçais nunca que o Espírito, qualquer que sejam o grau de seu adiantamento, sua situação como reencarnado, ou na erraticidade, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para com o qual tem que cumprir esses mesmos deveres.

A iniciativa de amar parte de Deus. É Ele quem primeiro ama e convida ao Seu amor, mediante a compreensão e aceitação espontânea das leis naturais que conduzem à perfeição. Jesus, Modelo e Guia da Humanidade Terrena, Espírito da mais alta envergadura que a Terra já pode ver (KARDEC, 2011: Questão

²⁷ A elaboração paciente das formas – A Caminho da Luz.

²⁸ op.cit.

625), também nos amou primeiro e, ciente de que somente vivenciando o amor poderiam os homens evoluir, dedicou-se a ensinar e a exemplificar essa lei magnânima em tudo que fez e falou durante todo o tempo em que permaneceu na Terra.

Conclusão

A grandiosidade de tudo quanto Deus criou induz à constatação de que a Lei do Amor é a lei maior do Universo, uma espécie de Constituição (A Lei das leis) ou espinha dorsal do Cosmo. E Jesus, enquanto Governador Planetário foi o seu maior exemplificador na Terra.

Ele veio ao encontro dos Homens para dar testemunho de que existe um Pai Celestial do qual toda a humanidade é filha. Veio dar a conhecer que o Pai aguarda o retorno dos seus “filhos pródigos”, a fim de que estejam, novamente, em comunhão com Ele (Deus) e, para este mister, assim resumiu, o Cristo, o método mais eficiente para viabilizar o atingimento, o quanto antes, dessa culminância evolutiva: *“Amai a Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”*. Em uma palavra: AMAI.

Jesus, o Divino Pedagogo, institui uma nova forma de relacionamento dos homens para com Deus que não mais é apresentado como um Senhor²⁹ severo, e sim como um Pai de infinito amor e misericórdia, e, afirmando a condição filial da humanidade, concita os homens a tomarem parte na grandiosa Obra de Deus, assegurando-lhes de que também eles (os homens) podem fazer tudo o que Ele (Jesus) fez *“e até mais”*, pois, assegura-lhes o Cristo: *“sois deuses”* e filhos do Altíssimo.

Convém ressaltar, por oportuno, que o que Jesus fez não foi apenas curar cegos e paráliticos. O Cristo, em comunhão íntima com Deus, criou mundos e participa das Assembleias Divinas, como Co-Criador em plano maior, Administrador de Sua infinita Criação. Jesus, como Primogênito de Deus, veio conclamar a humanidade para que retorne à Casa do Pai e tome assento ao Seu lado, partilhando da administração do Universo.

Porém, de princípio inteligente a espíritos simples e ignorantes e destes até espíritos perfeitos há uma longa jornada evolutiva, na qual assume especial relevância o acrisolamento consciencial, a fim de que se torne possível alcançar o patamar evolutivo que Joanna de Ângelis designou de *“O Ser Consciente”* (FRANCO: 1993).

Tal estágio resulta de um processo de despertar da consciência³⁰, objetivando o deixar para trás o pensamento arcaico ou primitivo, consoante o qual o ser vive guiado pelos instintos, limitado à satisfação dos seus desejos primários; passando pelo pensamento mágico/mitológico, consubstanciado, v.g., pela adoção de religiões salvacionistas, nas quais o ser é salvo de maneira mágica, por uma “graça” divina; alcançando o pensamento racional, que possibilita aos indivíduos uma maior compreensão das infinitas possibilidades que os aguardam no porvir, para, finalmente, atingir-se um patamar evolutivo no qual o ser se descobre como Filho de Deus e consegue, então, se ver como o único responsável pelo despertar da sua consciência (*homo noeticus*), rumo ao ápice da sua jornada que se verificará com a perfeita comunhão (consciente) com Deus.

Portanto, à luz do Espiritismo, conclui-se que o criacionismo não exclui o evolucionismo, antes o justifica e o fundamenta em bases científicas, filosóficas e religiosas, porquanto o Criador do Universo estabeleceu uma gradação entre todos os seres que habitam os infinitos mundos existentes e instituiu, como lei inderrogável e estruturante do Universo, a Lei de Amor, que conecta todos os seres, a fim de que, mediante uma solidariedade universal, os mais avançados em evolução possam auxiliar os menos evoluídos, porque é da lei que os seres, atraídos uns aos outros, se ajudem, mutuamente, no exercício do amor, do qual não podem fugir.

Da mesma forma, o livre arbítrio não é anulado pelo determinismo, pois, à medida que o ser cresce espiritualmente, ele, natural e voluntariamente, adere às leis divinas porque, mais sábio, entende que o conjunto de leis que regem o Universo representam o que de melhor pode haver para si e para os outros, impulsionando-os à perfeição.

²⁹ Não se trata mais do Deus cruel e implacável que, no Antigo Testamento, satisfaz-se em regar a terra com o sangue humano. Não mais o “dominus” (do latim: Senhor), mas o Pai, que regozija-se com a volta do filho pródigo, recebendo-o com festa para que todos saibam de sua alegria.

³⁰ Vide Questão 621 de O Livro dos Espíritos.

Cabe aos homens, portanto, o debruçarem-se sobre o Paracleto³¹ a fim de que possam estabelecer as pontes entre as conquistas já implementadas pela humanidade e os maravilhosos desígnios divinos que, de futuro, lhes permitirão sentar-se lado a lado com Jesus e Melquisedec³² nas Assembleias Divinas que se reúnem para deliberarem sobre o destino das inúmeras moradas da Casa do Pai.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Tradução em língua portuguesa. Paulus Editora, 7ª impressão, São Paulo, 2011.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**: Edição Comemorativa de 150 anos do Espiritismo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: 25 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010.

KARDEC, Allan. **A Gênese**: Edição Histórica – 30 mil exemplares. Brasília: FEB, 2013.

XAVIER, Francisco C. **O Consolador**, pelo Espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro, 28 ed., 2011.

XAVIER, Francisco C. **A Caminho da Luz**, pelo Espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro, 35 ed., 2007.

XAVIER, Francisco C. **Evolução em Dois Mundos**. Série A Vida no Mundo Espiritual, pelo Espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro, 1ª edição especial, 2010.

FRANCO, Divaldo Pereira. **O Ser Consciente**, pelo Espírito Joanna de Ângelis. Editora Leal, Salvador, 1993.

CHARLES DARWIN. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin>. Acesso em: 11 Set. 2013.

TRÍPLICE ASPECTO DO ESPIRITISMO. Disponível em: <<http://www.iebm.org.br/?pg=triplice>>. Acesso em: 23 Set 2013.

³¹ Referência ao Espiritismo (O Consolador prometido. João, 14:16). De “Parakletos”: alguém chamado ou enviado para prestar auxílio, consolar, confortar, alguém que exorta, instrui.

³² Melquisedec é um personagem bíblico do livro de Gênesis que abençoou Abraão quando este retornou vitorioso da batalha de reis do Vale do Sidim. Infere-se uma certa correlação entre Jesus e Melquisedec, no sentido de que se diz que Jesus é sacerdote “segundo a Ordem de Melquisedec” e que o mesmo não teve ascendência nem descendência (sem genealogia), a quem são atribuídas características sobre humanas. Alguém de enorme valor e indiscutível superioridade espiritual, tanto que Abraão, o Grande Patriarca Hebreu, lhe pagou o dízimo de tudo e foi por ele abençoado. Na Bíblia constam apenas três referências a Melquisedec, a saber: Gênesis, 14:17-20, Salmo 110:4, e Hebreus, 07:1-10 e 11-14.

